

NELSON ASCHER

TRÊS POETAS HÚNGAROS

Endre Ady
CANÇÃO ANTES DA CEIFA

Sob cinzas, ira abrasadora,
punhos crispados, paroxismo,
brado irascível, implacável,
a sua festa se aproxima.

Prados já prontos para ceifa,
pragas mal presas na garganta,
gadanhas que se ergueram: livre,
vermelha, a festa já se apronta.

Velho langor húngaro avança,
a corda tensa, estulta estala,
grandes orgulhos minguem pasmos
e o digno, grão silêncio espreita.

A festa é húngara – ceifar
trigo, sangue, cabeça: a seita
santa dos iracundos cresce.
Não temam, pois, haverá ceifa.

Attila József
FRAGMENTOS PÓSTUMOS

Quando se faz poesia, o certo
é tudo, menos ela:

em vez de terra, o mar aberto;
em vez rodas, vela.

Quando se faz poesia, o certo
seria não fazê-la.

* * *

Sou feito motor que, ligado,
não tem caminho a ser seguido
e diria, se mais ousado,
palavras sem nenhum sentido.

* * *

Meu coração vadiou muito,
porém se instrui e agora assente:
somente um mortal pode amar
outro mortal imortalmente.

* * *

E, enfim, meu corpo adoeceu
pois sou homem e ninguém sabe
o quanto sofro – sequer eu.

Sándor Weöres
O DINHEIRO

Judas, quando tilinta trinta peças
de prata, obtém respeito em casa, tanto,
que o afã das mulheres já se apressa:
“Tapete aqui, imagem lá – de santo”.

Sándor Weöres
INSTANTE ETERNO

O que à pedra friável não
confias: molda em vento.
Desponta às vezes tal instante,
que cai fora do tempo.

Se a pedra não, ele o conserva:
tesouro em punho-grade.
Não tem futuro nem passado,
é a própria eternidade.

Qual banhista, se peixe o roça
na coxa e segue em frente —
podes sentir, às vezes, Deus
no fundo de teu ente:

já mal-lebrado no presente,
depois, um sonho. E forte
sabor de eternidade sentes
ainda aquém da morte.

